

UM OLHAR SOBRE O CORPO NO CONTO A BELA E A FERA

Gisele Santos Fernandes¹

Edil Silva Costa²

Resumo: O presente trabalho, tem como foco investigativo, um olhar sobre a imagem do corpo no conto de fada *A Bela e a Fera*, como representação dos estereótipos de beleza, que por sua vez; sempre se fizeram presentes na sociedade e ainda continuam sendo reafirmados no mundo contemporâneo. Tendo como objetivos analisar, descrever e interpretar as construções dos sentidos mobilizados por diversas materialidades discursivas que se dá através do corpo feminino em sua relação histórica com o sujeito e a ideologia. Cujo o percurso se faz através das teorias de crítica cultural e de gênero. Neste estudo utilizo como aporte teórico os estudos de Foucault (2014), sobre a disciplinarização dos corpos em Vigiar e Punir. Sousa; Paixão (2013), em dispositivos de Poder, Machado (2010); contos de fadas; dentre outras.

Palavras-Chave: Mulher. Corpo. Discurso.

UM OLHAR SOBRE O CORPO

Essa necessidade universal de um mundo semanticamente normal, isto é, normatizado, começa com a relação de cada um com seu próprio corpo e seus arredores imediatos (Michel Pêcheux).

¹ É graduada em Letras Vernáculas UNEB (2013), Especialista em Letras: Português e Literatura SIGMORELLI (2015). Mestranda em Crítica Cultural (UNEB). Atualmente é professora da rede pública municipal de ensino. E-mail: giselesantosnc59@gmail.com.

² Possui Graduação em Letras Vernáculas (Universidade Federal da Bahia/1987), Mestrado em Letras e Linguística (Universidade Federal da Bahia/1995) e Doutorado em Comunicação e Semiótica (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/2005). É Professora Titular de Literatura Portuguesa da Universidade do Estado da Bahia, atuando como professora permanente no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural (Pós-Crítica/UNEB). Vice-coordenadora do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL (gestão 2016-2018), tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura, pesquisando os seguintes temas: tradição oral, identidade cultural, literatura oral e conto popular. E-mail: escosta@uneb.br.

No mundo contemporâneo, o corpo, tem se tornado elemento questionador dentro dos padrões de beleza. As pessoas vivem buscando se encaixar nos modelos de corpos perfeitos, que por ora, exclui, aprisiona e violenta a imagem humana.

O corpo, esse material humano, constituído de estrutura óssea, carne, pele e órgãos. Hoje, se ver julgado pelas forças de poder através do campo midiático. No período da Renascença, o corpo belo era aquele que apresentava o formato mais cheio, com quadris largos e abdômes avantajados. Essas características expressavam saúde, fertilidade, força e status social.

Não obstante, a partir do século XIX, esse padrão de beleza começou a mudar gradativamente. A obesidade passou a ser vista de modo negativo e a magreza como ideal. A transição do final do século XIX para o século XX já nos remetia a ideia de um corpo magro, como símbolo de beleza e sucesso. Esse padrão de beleza, por sua vez; foi sendo reforçado cada vez mais pela mídia e pela moda.

Dessa forma, a sociedade lucra com a insatisfação daqueles que não se sentem satisfeitos com os seus corpos e injeta através da publicidade a compra de uma beleza singular. Que pode resultar em distúrbios da imagem corporal, trazendo prejuízos sociais, físicos e emocionais, ou seja; o ser humano pode não se reconhecer através das transformações de sua imagem. É um processo que agrada, mas também fere a imagem de muitos.

Segundo Giles Lipovetsky (2005), “Nunca o corpo foi tão objeto de tamanha atenção, preocupação e cuidados reparadores. “Esse elemento físico, carregado de significados e interpretações colabora para a emissão de juízos de valor. E assim, incute uma imagem prescrita e estabelecida a seguir.

O corpo como elemento carregado de significados, a sua imagem dialoga por si, e a sociedade numa coletividade aprova essa construção.

Usar menos tecido e mostrar mais a pele torna-se uma prática de uma época marcada por uma visibilidade extremada, uma visibilidade potencializada pelos panópticos modernos. A imagem vale como a tradução da realidade e sua validade depende das “qualidades” joviais do elemento físico que ele mostra (FOUCAULT, 2015, p. 123).

Nesse sentido, o corpo é então talhado pelos discursos que se atravessam no tempo. Consolidando e permanecendo consistentes no mundo contemporâneo, a partir das suas forças de poder controladoras.

CORPO E VISIBILIDADE NO CONTO A BELA E A FERA

Nessa construção de sentidos, o corpo, como marca de identidade; constrói espaço de visibilidade. Ele é, então; concebido como lugar que evoca discursos e modos de se comportar. Conforme Foucault (2014):

O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadriha, o desarticula, e o recompõe. “Uma anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica do poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia com que se determina (FOUCAULT, 2014, p. 135).

Assim, como máquina de controle, o tempo sempre agiu de forma disciplinar com os corpos, fazendo-os tornar comportados. [...] A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos dóceis (FOUCAULT, 2004, p. 135).

Nos tornamos então, sujeitos controlados por uma máquina do poder que foge das nossas vias de controle que nos é apresentado como o mais belo. Nessa concepção, a indústria da beleza age de maneira coletiva na sociedade, com o poder de interferir na construção das subjetividades. E que na contemporaneidade, fica muito exposto de como estamos sendo

levados pelo o mercado da moda. O corpo é o lugar de se ver, é o material que discursa pelo indivíduo.

[...] o poder do corpo; faz dele por um lado uma “aptidão”, uma “capacidade” que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeito estrita. Se a exploração econômica separa a força e o produto do trabalho, digamos que a coerção disciplinar estabelece no corpo e elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada (FOUCAULT, 2004, p. 135).

Como forma de punição, rejeição e exclusão, os sujeitos tentam enquadrar-se nessas novas construções, que se não encaixadas ficam expostos a uma não aceitação no mercado de trabalho, nas relações sociais. Há então, um controle que emana forças comportamentais, alterando os modos de cada ser.

A lei e a norma instaura-se silenciosamente na sociedade. Conhecer-se a si mesmo numa construção de identidade e de como cada um processa a sua subjetividade. São então, as relações de biopoder [...] vertente externa do poder sobre a sociedade, por técnicas e poder disciplinares; a lei norma. (FOUCAULT, 2015, p. 39). Tornar-se visível uma marca de identidade que é uma construção continua.

O conto “A Bela e a Fera”, como objeto de análise, de forma explícita, costura formas de como as identidades se constroem e de como elas estão no jogo, ou seja, estão instáveis no tempo e espaço. A Bela e a Fera é um tradicional conto de fadas francês. Originalmente escrito por Gabrielle-Suzanne Barbot, Dama de Villeneuve, em 1740, tornou-se mais conhecido em sua versão de 1756, por Jeanne-Marie LePrince de Beaumont, que resumiu e modificou a obra de Villeneuve.

Partindo do título “A Bela e a Fera” é possível analisar como os padrões de beleza estão em jogo, eles operam em oposição. Fica perceptível que há um contraste nos padrões de beleza que são afirmados e reforçados pela sociedade.

De acordo com o dicionário Aurélio (2011), “Bela” significa: Adjetivo Excessivamente bonita; de forma ou aparência perfeita, harmoniosa, agradável aos olhos: mulher bela. Que incita boas sensações e sentimentos; que inspira admiração, grandeza, nobreza, perfeição, prazer. Já “Fera” tem outra conotação: “animal indomável, selvagem”; feminino do latim ferus, a, um, “selvagem”.

O corpo é então visto como objeto que se materializa nos discursos e reflete nos processos de constituição do sujeito. Como se percebe no trecho da narrativa:

Era uma vez um rico comerciante que tinha três filhas, cada uma mais encantadora que a outra. A mais moça era tão linda — de mente, corpo e coração — que a chamavam de Bela. O pai dava às filhas tudo o que queriam, e também uma boa educação. As duas irmãs mais velhas não ligavam muito para essa parte, gostavam mesmo era de se vestir elegantemente e dançar a noite inteira (HEARNE, 2013, p. 5).

Nota-se a denominação do sujeito “Bela”, de corpo lindo, cuja sua beleza é produzida por natureza. É notável que a personagem possui uma beleza de corpo e coração, o que a faz ser ainda mais encantada. [...] A filha mais moça, a *Bela*, era tão “linda de mente, corpo e coração”.

A imagem da beleza do corpo é reforçada no mundo contemporâneo. O poder exercido pelo o corpo no passado presume uma reconfiguração do homem na atualidade. [...] A imagem do corpo inscreve-se em um regime de visibilidade e reflete uma imagem de uma época” (FERNANDES, 2013, p. 83). Desta maneira, nos mantemos conectados às mudanças de épocas.

O belo, é visto como um regime de visibilidade, onde olhares, desejos, e estética, estão em jogo. O corpo materializa-se em identidades que se constroem a partir desses olhares intercambiados pelas suas subjetividades.

A beleza é também uma questão contemporânea caracterizada como efeito de uma subjetividade coletiva, decorrente de uma política de subjetividade. Há, portanto, um biopoder no campo da estética. O sujeito busca a beleza como uma construção indenitária, gesto movido por uma prática de subjetivação que se vincula a uma subjetividade histórica, movente, pela qual o sujeito está em constante busca de uma imagem de si (FERNANDES, 2013, p. 87-88).

Assim, é possível perceber como o sujeito contemporâneo vive em busca de uma construção da imagem de si, que por ora, é flutuante, movida por desejos, ou seja; é um universo que nunca se contenta com as aquisições, tornando-se uma busca constante de uma imagem de si.

Há, portanto, uma política controladora, uma lei, uma norma que rege o corpo no tempo e espaço. Conhecer-se a si mesmo torna-se uma prática que exige investimentos. É notório que os sujeitos são atraídos e controlados por padrões de beleza que se afirmam e se reforçam a todo momento.

[...] Ao passar pelo último trecho do jardim, o comerciante viu uma roseira e se lembrou da promessa que havia feito a Bela. Quando pegou a rosa mais formosa, ouviu um rugido: uma fera furiosa pulou em cima dele, que caiu de joelhos. A Fera — um ser coberto de pelos — olhava o homem do alto (HEARNE, 2013, p. 11).

A “Fera” se apresenta como um ser coberto de pelos. Que aos olhos da sociedade causa estranhamento e medo, por ser diferente. Assim, podemos perceber que ainda vivemos o mundo que não aceita as diferenças, que não se compactua com as singularidades. Os padrões de beleza são investidos numa coletividade e precisam ser questionados.

A utilização de uma indumentária que deixa à mostra determinadas partes do corpo, ou mesmo a exibição do corpo nu, não é considerada, muitas vezes, tão indecente quanto a exibição de um corpo “fora de forma” e o uso de roupas não condizentes com a forma física (GOLDENBERG; RAMOS, 2002, p. 28).

A beleza em questão incide de um corpo que mostre a sua beleza e a forma. Contrapondo toda uma estrutura de corporal que saia fora desse contexto. Trata-se, de uma atitude narcísica, que faz o ser se voltar sobre si mesmo, incontáveis vezes, na constituição de si, ou melhor, na constituição de um tipo específico de si.

[...] — Não me chame de “senhor”. Sou uma fera.

— Fera — disse o comerciante — não quis roubar você.

— Então por que está levando o que mais aprecio?

— Só cortei uma rosa para minha filha. É tudo o que ela queria.

— Eu sempre mato quem rouba minhas rosas — disse a Fera —, mas se sua filha estiver disposta a vir ao castelo em seu lugar, não tirarei sua vida.

— Oh, não! Eu jamais permitiria!

— Pai, não se preocupe. Nunca tive medo das feras dos bosques. Por que haveria de temer uma fera que vive em um castelo? Amanhã vou lá com você conhecer essa Fera (HEARNE, 2013, p. 9-11).

A imagem refletida pela *Fera* se apresenta em questão, por ser diferente e não se enquadrar aos padrões de beleza, não há uma contemplação do belo e sim uma contestação por ser um ser estranho. A natureza e a indústria da beleza não interferiram para um enquadramento de beleza do personagem.

Apesar da personagem “*Fera*” apresentar uma beleza em evidência, a personagem “*Bela*”, ver a necessidade de cumprir com sua palavra e nessa construção há também, sentimentos envolvidos.

[..] Bela estava nervosa, mas, apesar disso, conseguiu comer. Quando terminaram de jantar e se perguntavam o que aconteceria, ouviram um estrondo de portas e passos pesados que se aproximavam. Ali estava a Fera. Era um ser enorme, peludo, horrível e assustador. Bela se encolheu. A Fera se aproximou e perguntou amavelmente: — Bela, você veio por vontade própria? — Vim, meu senhor — respondeu ela fazendo uma reverência com a cabeça. — Não sou seu senhor. Sou uma fera. — Sim, por vontade própria, Fera — disse, encarando-o. Ele pareceu sorrir sob a sua pelagem e disse: — Muito bem, então.

Despeça-se do seu pai, que deve ir embora. Bela abraçou o pai e acompanhou-o até a porta. Depois se virou para ver a Fera, que a levou para um cômodo no final das escadas. Na porta havia uma tabuleta que dizia: “Quarto da Bela”. A moça lhe deu boa-noite, entrou e fechou a porta. Nunca havia visto um aposento como aquele (HEARNE, 2013, p. 13).

Dessa forma, a personagem *Bela*, quebra os estereótipos, vence o medo e se aproxima de um ser não visto pela sociedade, a invisibilidade demarca espaço. O encontro com essa imagem, provoca na personagem sentimentos e segurança, onde os olhares se entrecruzam e saberes ali são desvendados. É a superação, numa sociedade que prega valores, demarca espaços, exclui e aprisiona.

A segurança que a personagem *Bela* tinha a fez permanecer no palácio junto com a *Fera*. Ela se oportunizou conhecer melhor esse ser estranho em sua natureza, numa relação de amizade que pode suscitar em desejos amorosos.

[...] Bela começou a explorar o castelo e os jardins dos fundos. Cada dia ficava mais feliz. De noite, a Fera aparecia para o jantar e falava amavelmente com ela. Bela começou a ansiar pela sua companhia. Todas as noites, terminada a refeição, ele lhe fazia a mesma pergunta: — Bela, você se casaria comigo? — Oh, não, Fera, nunca poderia me casar com você — respondia a moça. Passava o tempo e a Fera continuava a formular a mesma pergunta, que Bela respondia do mesmo modo (HEARNE, 2013, p. 13).

Nesse excerto, a personagem, *Bela*, já está envolvida. A personagem *Fera*, por sua vez; já se ver atraído por sua linda Bela. Numa relação de olhares que se entrecruzam e perpassa as roupagens, aqui colocados como pelos, e assim; encontra o amor além do que é visualizado.

A personagem *Bela*, começa a despertar sentimentos pela personagem “*Fera*”, numa relação sentimental e não pela beleza. A indústria da beleza não esteve presente neta relação, o amor é o elo de ligação nessa construção.

[...] Uma noite, ela teve um sonho. Viu a Fera diante da fonte do jardim, morrendo. Bela acordou sentindo tanta saudade da Fera que achou que seu coração ia arrebentar. Pegou o anel na mesa, girou-o em seu dedo e desejou voltar para o castelo. Uma vez lá, correu para seu quarto e pôs o melhor vestido a fim de esperar a Fera para jantar. Mas esperou em vão, porque ele não apareceu. Bela procurou-o por todo o castelo até que, finalmente, encontrou-o no chão junto da fonte do jardim, onde o tinha visto em seu sonho. Deitou a cabeça em seu peito e pôs-se a chorar: — Minha Fera, eu não sabia o quanto te amava. Encheu o rosto da Fera de lágrimas e beijos. A Fera se agitou, tentou se levantar e acabou conseguindo ficar de pé... depois de ter se transformado num belo homem! — Quem é você? — gritou Bela. — Sou a sua Fera — respondeu o homem —, um príncipe aprisionado no corpo de um animal até que uma mulher me amasse pelo que sou, apesar da minha aparência. Bela, você se casaria comigo? — Sim! Não perderia você de modo nenhum, pouco me importa a forma que tenha (HEARNE, 2013, p. 15-16).

Nessa construção, o amor vence. A Bela e a Fera se encantam quebrando os estereótipos que a história foi possível construir. Um príncipe aprisionado no corpo de um animal, sendo venerado e amado pela linda Bela que foi capaz de resgatá-lo do aprisionamento. É perceptível que na sociedade contemporânea há muitas pessoas nessa condição de prisão. São corpos controlados que precisam de confiança e sensibilidade para se revelar.

O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. Formase então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos (FOUCAULT, 2014, p. 135).

Essa política controladora, foi então quebrada pela personagem *Bela*, e precisa ser fortificada na sociedade atual. Pois as singularidades precisam ser afirmadas e aceitas dentro das diferenças.

Pouco tempo depois, eles se casaram na presença das irmãs e do pai de Bela. O bondoso pai estava muito alegre, mas os corações de suas irmãs estavam tão endurecidos pela inveja que seus corpos se converteram em pedra. Elas viraram duas estátuas, que ficaram para sempre observando a felicidade de Bela e de seu esposo (HEARNE, 2013, p. 18).

Apesar das adversidades, a personagem *Bela* casa-se com o seu amado esposo. E assim; conseguem viver a felicidade, expulsando os sentimentos ruins, numa sociedade materialista que visa constantemente a matéria corporal e os sentimentos são postos em jogo. Nessa narrativa, o amor foi vencível, quebrando todos os estereótipos cristalizados na sociedade.

POR ORA, UM FINAL FELIZ...

Os contos carregam uma bagagem cultural e histórica caminham pelo tempo e se mantem vivos. Como forma de compartilhar saberes ele ainda representa um acervo vivo para a sociedade.

Os contos fazem parte de um patrimônio comum de todos nós, um tesouro que a humanidade vem preservando pelos tempos afora. Cada um de nós têm direito a um quinhão dele. Ao contrário de um acervo material, neste caso quanto mais ele se divide, mais cresce. Dele se constitui referências culturais comuns a todos nós (MACHADO, 2010, p. 13).

Os contos carregam parte de nós, o trabalho exposto, carrega sentimentos de toda uma coletividade que se ver excluída pelos os padrões de beleza. Falar em conto de fadas é também evocar histórias, num contato com o mundo maravilhoso onde tudo é possível de acontecer. A sociedade precisa experimentar momentos assim, estando mais conectada com a literatura, como forma de adoçar a alma.

Pela literatura, conseguimos perceber como a sociedade ainda se mantem presa a muitos estereótipos e a beleza é um fator que ainda exclui muitos sujeitos na contemporaneidade. O

eu que sempre procura afirmar a sua identidade em comparação com o outrem, necessita se destituir para reconstruir-se numa nova concepção de sujeito.

REFERÊNCIAS

BEAUMONT, Prince; MARIE, Jeanne. In: HEARNE, Betsy (adaptação). *A Bela e A FERA*. Schwarcz, 2013.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Escolar da Língua Portuguesa*. 2. ed. Curitiba: Positivo, 2011.

FERNANDES, Cleudemar Alves. Corpo e visibilidade do sujeito neonarcisista como ética da existência. In: SOUSA, Kátia Menezes; PAIXÃO, Humberto Pires. *Dispositivos de Poder/ Saber em Michel Foucault: biopolítica, corpo e subjetividade*. São Paulo: Intermeios; Goiânia: UFG, 2015. <http://reporterunesp.jor.br/2018/05/15/padroes-esteticos-violencia/>.

MACHADO, Ana Maria. In: Um eterno encantamento. *Contos de Fadas: de Perrault, Grimm, Andersen e outros*. Rio de Janeiro: Zahar 2 010.

PAIXÃO, Humberto Pires. O corpo no dispositivo da moda. In: SOUSA, Kátia Menezes; PAIXÃO, Humberto Pires. *Dispositivos de Poder/ Saber em Michel Foucault: biopolítica, corpo e subjetividade*. São Paulo: Intermeios; Goiânia: UFG, 2015.